

28 - JOÃO JACQUES

CADEIRA Nº 28
PATRONO: MÁRIO DA SILVEIRA

JOÃO JACQUES

JOÃO JACQUES Ferreira Lopes, filho de Henrique Jorge Ferreira Lopes (o Sarazate Mirim da Padaria Espiritual) e de Júlia Magalhães Jorge, nasceu em Fortaleza, no dia 27 de janeiro de 1910. Fez os estudos de primeiras letras em escola particular, no Externato São Rafael (anexo ao Colégio da Imaculada Conceição) e no Colégio Nogueira. Iniciou o curso secundário no Colégio São Luís, do Prof. Meneses Pimentel, e foi concluí-lo no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza. Segundo Raimundo Girão, fez no Liceu do Ceará o chamado Curso Elefante. Trabalhou em escritórios, no setor de Contabilidade, em diversas firmas do Ceará e no Rio de Janeiro. Foi funcionário da Delegacia Fiscal e Alfândega; trabalhou na Secretaria da Fazenda e na Diretoria de Viação e Obras Públicas. Exerceu as funções de Tesoureiro da Associação dos Funcionários Públicos. Foi Chefe da Secretaria do Diretório Regional de Geografia e Estatística e Diretor do Departamento de Pessoal e Organização do Estado. Exerceu ainda o cargo de Diretor da CODEC e da CODECIF. Foi ainda funcionário da Rede de Viação Cearense, Secretário de Educação da Prefeitura Municipal de Fortaleza (de 1951 a 54) e Chefe de Gabinete da Presidência do Banco do Nordeste do Brasil, assim como Diretor da Empresa Cearense de Turismo (EMCETUR), Secretário Executivo do Grupo de Reforma Administrativa do Estado, Assessor Especial do Presidente da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos e Assessor do Presidente do Tribunal Regional do Trabalho. É membro do Conselho de Administração do BANDECE. Foi Redator-Chefe e Diretor do jornal ***O Povo,*** *e um dos fundadores do jornal modernista* ***Cipó de Fogo,*** *do qual saiu apenas um número, em 1931. Sócio da Associação Cearense de Imprensa e do Sindicato dos Jornalistas, é ainda membro da Academia Cearense de Jornalismo e da Academia Cearense de Retórica. É Comendador da Santa Sé pela Ordem de São Silvestre.*

Obras publicadas: ***Aspectos Econômicos do Ceará*** *(1954), reportagens;* ***Alma em Corpo Oito*** *(1964),* ***Os Cardeiros Sangram*** *(1967),* ***Uma Fantasia e Nove Histórias Reais*** *(1969),* ***A Canção do Tempo*** *(1978), crônicas;* ***A Grande Viagem*** *(1966) viagem;* ***A Prece do Menino Aflito*** *(1971), poesia;* ***Contos e Cantos*** *(1981) poesia e prosa;* ***Augusto Linhares*** *(s/d.),* ***Galeria de Honra*** *(1986),* ***Otacílio de Azevedo*** *(1992), ensaio. Sobre a poesia de João Jacques, assim se pronunciou Otacílio Colares, ao falar dele, lembrando sua faceta de artista plástico: "Como poeta, ele reflete o cronista e o pintor excelente que é, enamorado dos tons e amante da vida na sua imensa multiplicidade. As palavras, em seus poemas, são cores de paleta rica, emolduradas de muito sentimento."*

PROVA AÉREA

Nunca estiveste tão bonita
como naquela noite de gala!

O teatro todo te fitava
e o palco, antes da cena,
eras tu!
E como fulguravam,
sob os cílios negros,
as gambiarras verdes dos teus olhos!

Em dado momento,
deixas cair do alto balcão,
num gesto fidalgo de dama
da côrte,
o teu lencinho de cambraia e renda.

Vem caindo,
vem caindo,
vem caindo, aberto e côncavo
como um pára-quedas.

Mesmo assim,
não salvaste sequer as aparências...

POEMA DO CENTENÁRIO

Criança criada pelos outros,
meu idioma foi sempre o dos tristes.
Onde chegava, estrangeiro em sua terra,
precisava de tradução.

Um dia,
naturalizei-me pacatubano.

E, daí por diante, prescindi do passaporte
para cruzar todas as fronteiras,
inclusive a da Aratanha,
e chegar de trem, fumaçando e apitando,
à estação do velho Fausto Benevides.

Todos os Faustos têm sua Margarida,
mas aquele amava mais o cachimbo que as mulheres,
certo de que o fumo, neste mundo,
também dá um pouco de ilusão...

Parangaba, Mondubim, Pajuçara, Maracanaú, Monguba
eram degraus para atingir Pacatuba.
Pacatuba sempre foi, para mim, uma escada,
uma escada de trilhos e dormentes.

A gente sobe, na idade, com os anos
e, na serra, de curva em curva.
O fôlego é que se vai perdendo.

Meus olhos são os mesmos.
As ideias é que mudam de grau,
dentro do astigmatismo das filosofias.

E eu vejo tudo, como dantes,
pelos vidros convexos e corretivos da saudade.

Perdão para as omissões injustificáveis,
para os lapsos de memória, na chamada geral.

O Chico da Mundoca não tinha pernas,
era só braços e fazia gaiolas de palito.
Como são geniais, não apenas em Congonhas,
todos os aleijadinhos!

Maria Rosa fazia doce-de-coco
e, abelha, tirava o mel do próprio nome
ou do nome próprio.

Chiquinha Lopes vendia café no mercado,

em xicrinhas...

Joaninha Macaxeira aprendeu pouco,
mas ensinou demais.

E a Paulina, a servente do Grupo Escolar?
Serviu até não servir ou até que Deus
fosse servido..

O ferreiro João Domingos dobrava foices
e calçava machados.
Ainda vive. A forja o temperou.

Que é do Quatorze?
Morreu depois da Seca do Quinze.

E o Zé Pedro, da voz rouca?
Abria e fechava as agulhas do trem:
de dia com as bandeirinhas de cor,
de noite com o lampião aceso.
Nunca entrou para o desvio.
Luz verde na porta do céu.

João Clemente Quevedo, o paraguaio.
João Mendes, o português.
Havia mais lusos: "seu" Costa,
o do sobradinho de pijama,
"seu" Anísio, o dono da Pavuna,
"seu" Figueiredo, o dono da padaria.

Dom Expedito de Oliveira veio depois.
Antes, foram padre Vital Guedes
e monsenhor Liberato, cada qual numa esquina.

Antes, durante e agora é João Pinto,
que continua ajudando a missa dos prefeitos
ou ajudando o santo sacrifício da pobreza. . .

Faustino de Albuquerque, Feliciano de Ataíde,
Beltrão.

e que injustiça não me lembrar de outros juízes,
de outros promotores!

Dormem o sono do justo
os Otávio Gonçalves da Justa...

Na paisagem humana de Pacatuba
ainda vejo o Pedro Favela,
cantando na matriz com as filhas de "sinhá" Cecília.

E as irmãs Florenço,
todas de branco, fita azul no pescoço,
como nuvens manchadas de firmamento...
A cidade não mudou. Nem mudará jamais.
E é bom que não mude.
O cemitério lá em cima,
florido de cruzes, epitáfios e cajus.

De um lado, o açude do Piripau
tirando segunda via da serra.

De outro, o açude do Alto do Bode,
cheio de piaus;
estremecendo todo, de cócegas líquidas,
ao beliscão barbeludo dos anzóis.

Tantos sítios! Tantas vivendas antigas!
Tantos Joões: Bernardo, Pinheiro, Galeno,
Medeiros, Augusto!
Tantos Manuéis: Novais, Albano, Acioli, Barreto,
Pinheiro Campos, Nepomuceno!

Tantos outros: compadre Casemiro Leite,
Cazuzinha do Carmo,
Mundinho Cavalcante, pai do poeta,
Artur Benevides, pai de outro poeta!

As farmácias do Silvinha e do Chaguinha
vendiam, dentro da rima, muita meizinha.

E a goiabada do Coelho,
que minha madrinha Guimarães fabricava?
E as bananas secas do Siqueira,
douradas de sol, porejando açúcar?

Lá está, de pé ainda, rangindo as terças de aroeira,
portas e vidraças para o poente,
o sobrado da Marianinha, cheio de assombrações.

A capela do Carmo recorda as novenas cantadas
em julho, o mês das férias escolares.

E a essas alturas já não posso ver mais nada.
Essas lentes de contato,
essas lágrimas não dão para mim...

Não enxergo, mas escuto.
Ouço, por exemplo, a ópera das reminiscências,
a melodia do passado
e as notas fora de pauta da minha vida.

Um apito de trem: rês na linha.
Uma polêmica shakespearana: sapos na lagoa.
Uma flauta tocando no silêncio da noite:
Carlos Jataí, afinando o coracão romântico.
Uma chamada, duas, três, para os músicos:
O Zezé Belezinha batendo bombo.

Há tantos instrurnentos de sopro e corda
nesse concerto interior!
Mestre Cirino, valei-me!

Da coroa de pregos dos jaburus e roletas
as aspas de chifre tiram agudos e graves,
conforme a velocidade dos sete ou dos vinte e cinco
bichos correndo.

Chocalhos de boi
chocalhos de burro,
chocalhos de cobra cascavel

chocalham à distância,
avisando marrada, avisando coice, avisando veneno.

Berrou o carneiro do Zé da Maria Amélia,
chorou na tarde cinza a graúna viúva,
rasgou, altas horas, a mortalha
a coruja míope, insone, agoureira, alfaiate.

O tiro das ronqueiras acorda os desvãos
e as cascatas tiram versos com espuma.

Os banhos do Canuto e do Zé Pinheiro,
da Maria Teles e do velho André,
como aqueles que correm pagos nas igrejas,
fizeram centenas de casamentos honestos.

E os rios ainda descem as encostas verdes,
cantando ave-Marias na conta roliça de cada pedra,
rumo do mar, rumo de Deus.

E as luzes dos candeeiros ainda sobem ladeiras,
apagando aqui, acendendo acolá,
procurando rastros na escuridão,
como estrelas que se tresmalharam
do rebanho incandescente do infinito...

AVES

Meu papagaio fala por quantas penas tem.
E como eu tenho pena de quem fala assim. ..

***

Minha graúna cantando
é o luto mais alegre que eu já vi!

***

Aos pares, as andorinhas,
Voando pelo céu cinzento,
Lembram curvas tesourinhas
Cortando as unhas do vento...

***

SImplesmente para rimar,
eu poria em cada campanário
um canário...

FALTA DE FÉ

Ninguém acredita que a mesma mulher
que acendeu em nós o fogo da paixão
apague a luz do quarto...

DELICADEZA PÓSTUMA

Se me mandares forrar o túmulo de arminho,
não aceitarei o teu arrependimento...

O MONOSSÍLABO

A palavra "mãe" parece
nasal, choroso gemido,
talvez a primeira prece
do filho recém-nascido.

De *A Prece do Menino Aflito* (1971).